

UNIVERSIDADE FEDERAL DE VIÇOSA

JINX VILHAS MAURICIO DA SILVA

**TRAJETÓRIAS, EXPERIÊNCIAS E SOCIABILIDADE DE ESTUDANTES LGBTs
NA UNIVERSIDADE**

**VIÇOSA - MINAS GERAIS
2019**

JINX VILHAS MAURICIO DA SILVA

**TRAJETÓRIAS, EXPERIÊNCIAS E SOCIABILIDADE DE ESTUDANTES LGBTs
NA UNIVERSIDADE**

Relatório de Iniciação Científica apresentado à Universidade Federal de Viçosa, como parte das exigências da disciplina CIS453 - Trabalho de Conclusão de Curso II, para obtenção do título de Bacharel em Ciências Sociais.

Orientador da Pesquisa: Guillermo Vega Sanabria
Orientadora do TCC: Daniela Alves de Alves

**VIÇOSA - MINAS GERAIS
2019**

JINX VILHAS MAURICIO DA SILVA

**TRAJETÓRIAS, EXPERIÊNCIAS E SOCIABILIDADE DE ESTUDANTES LGBTs
NA UNIVERSIDADE**

Relatório de Iniciação Científica apresentado à
Universidade Federal de Viçosa, como parte das
exigências da disciplina CIS453 - Trabalho de
Conclusão de Curso II, para obtenção do título de
Bacharel em Ciências Sociais.

APROVADA: 11 de dezembro de 2019.

Daniela Alves de Alves (DCS/UFV)

Rayza Sarmiento de Sousa (DCS/UFV)

Douglas Mansur da Silva (DCS/UFV)

UNIVERSIDADE FEDERAL DE VIÇOSA
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
LICENCIATURA EM CIÊNCIAS SOCIAIS

**TRAJETÓRIAS, EXPERIÊNCIAS E SOCIABILIDADE DE ESTUDANTES LGBTs
NA UNIVERSIDADE**

BOLSISTA: Jinx Vilhas Mauricio da Silva
ORIENTADOR: Prof. Dr. Guillermo Vega Sanabria

Relatório Final, referente ao período de Agosto/2017 a Julho/2018, apresentado à
Universidade Federal de Viçosa, como parte das exigências do Programa Institucional de
Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC)/CNPQ.

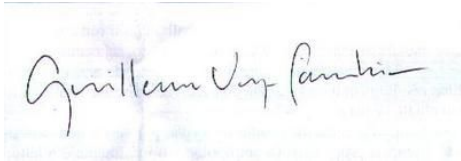
VIÇOSA
MINAS GERAIS – BRASIL
AGOSTO 2017/2018

RESUMO

**TRAJETÓRIAS, EXPERIÊNCIAS E SOCIABILIDADE DE ESTUDANTES LGBTs
NA UNIVERSIDADE**

A vida universitária é cheia de peculiaridades: estudantes universitárias/os, na maior parte dos casos, deixam o ambiente familiar e passam a viver em um ambiente inteiramente novo, em que operam dinâmicas inteiramente novas de existência, da vida afetiva, das relações pedagógicas, do tempo, do espaço, das regras e do saber. Nessa pesquisa busquei identificar e analisar as experiências de estudantes que habitam o espaço entre o centro e as fronteiras das identidades sexuais e de gênero na Universidade Federal de Viçosa (UFV). Tratei, adotando um foco *queer*, de compreender as especificidades envolvidas tanto na constituição dessas identidades como na entrada e transição do espaço familiar para o espaço universitário nas trajetórias e experiências de oito pessoas, dentre essas eu enquanto pesquisador. Foram realizadas entrevistas com quatro dessas pessoas, além de incursões etnográficas nos ambientes de sociabilidade de todas as pessoas participantes. A análise de suas experiências e trajetórias revela que a mudança da vida pré-universitária para a vida universitária parece envolver sempre um conflito de projetos entre a expectativa que a família possui do futuro da/do estudante e o projeto pessoal que essa pessoa tem para si, em articulação com o processo de reivindicação de uma identidade sexual ou de gênero. No caso das pessoas LGBTs, só é possível aprender o “ofício de estudante” quando se colocam na posição de aprender também estratégias de negociação da realidade que possibilitem um mínimo convívio pacífico entre seu “eu” e sua sexualidade/gênero.

Data: 14/08/2018



Assinatura do Orientador



Assinatura do Bolsista

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	7
2 REVISÃO DE LITERATURA	8
2.1 AS PREMISSAS DE UM SABER CIENTÍFICO SITUADO	8
2.2 POR UM FOCO QUEER	9
2.3 O REGIME FARMACOPORNOGRÁFICO E AS “FICÇÕES POLÍTICAS VIVAS”	11
3 OBJETIVOS	12
4 MÉTODOS	13
5 RESULTADOS/DISCUSSÃO	14
5.2 A CHEGADA AO CAMPO E OS PRIMEIROS CONTATOS	17
5.3 ENTRE RUPTURAS E PROJETOS	21
5.4 OS ESPAÇOS E AS TENSÕES	24
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS	27
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	28

1 INTRODUÇÃO

A vida universitária é permeada de peculiaridades. Estudantes universitários/os, na maior parte dos casos, deixam o ambiente familiar e passam a viver em um ambiente inteiramente novo, em que operam dinâmicas inteiramente novas de existência, da vida afetiva, das relações pedagógicas, do tempo, do espaço, das regras e do saber (COULON, 2008, p. 34). A entrada na universidade pode ser entendida, assim, como uma ruptura que, apesar de não se dar de forma homogênea, afeta e provoca mudanças em todas as pessoas que passam por esse processo. Ser “estudante” é, antes de tudo, assim como em outras esferas da vida social, como a sexualidade, o gênero e a raça, construir uma identidade social e política, intimamente relacionada com o aprendizado de uma instituição do saber específica do espaço universitário. O objetivo desta pesquisa foi, dessa forma, explorar, identificar e analisar as experiências de estudantes que habitam o espaço entre o centro e as fronteiras das identidades sexuais e de gênero na Universidade Federal de Viçosa (UFV). Tratei, adotando um foco *queer*, de compreender as especificidades envolvidas tanto na constituição dessas identidades como na entrada e transição do espaço familiar para o espaço universitário nas trajetórias e experiências de oito pessoas, dentre essas eu enquanto pesquisador

No ano de 2017, segundo relatório do Grupo Gay da Bahia (MOTT, MICHELS & PAULINHO, 2017), 445 pessoas LGBTs morreram no Brasil em virtude de crimes de ódio, violência, discriminação e preconceito contra essa população. É possível estabelecer uma comparação desse número com relatórios de outros anos: foram 130 homicídios em 2000 e 260 em 2010. Isso significa que, nos últimos 17 anos, houve um aumento de 242% nos homicídios de pessoas LGBTs. Situações de violência e de discriminação contra pessoas LGBTs nas universidades também não são raridade. Um caso notável, acontecido recentemente, fez parte das manchetes de jornais em 2016 e incitou uma certa comoção nos círculos universitários: o assassinato de Diego Vieira Machado, estudante gay e negro do curso de Letras na Universidade Federal do Rio de Janeiro (MELO, 2016). Segundo foi publicizado amplamente, o estudante havia recebido, por meio de seu endereço de correio eletrônico, diversas ameaças homofóbicas. As informações e discussões de então apontavam para o caráter discriminatório dessas ameaças e a intenção de incitar medo no estudante, que perderia a vida no campus universitário.

Durante a realização do estágio curricular obrigatório da licenciatura no Colégio de Aplicação da UFV (CAp/COLUNI), no primeiro semestre de 2018, percebi que numa das aulas de

sociologia do terceiro ano, duas estudantes conversavam, revoltadas, a respeito das atitudes de um professor do colégio em relação a um estudante homossexual. As interrompi e perguntei sobre o que havia acontecido. Durante uma aula desse professor, ele teria desviado da temática em pauta e começado a falar sobre como “havia uma cura” para a homossexualidade, direcionando-se ao estudante em questão. O caso repercutiu dentro do colégio e chegou aos ouvidos da direção e do grêmio. O grêmio, por sua vez, com apoio da direção, organizou uma palestra com Anderson Ferrari, professor da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF), a respeito da “homofobia na escola”.

Casos de LGBTfobia parecem ser corriqueiros não só no COLUNI, mas também no contexto mais geral da UFV e de Viçosa, como veremos num momento posterior desse relatório. Foi relevante para esse estudo apontar e entender essas tensões e conflitos presentes nos ambientes universitários, além de analisar como as pessoas que habitam entre o centro e a fronteira das identidades sexuais e de gênero mediam e resolvem, em seu cotidiano, esses conflitos e tensões. É enquanto sopa primordial de possibilidades dessas situações e histórias, portanto, que o espaço e o contexto da UFV serviram de *locus* para essa pesquisa.

2 REVISÃO DE LITERATURA

2.1 AS PREMISSAS DE UM SABER CIENTÍFICO SITUADO

Por diversas vezes durante o meu percurso acadêmico na graduação ouvi de professoras e professores, em especial da área de Sociologia e Ciência Política, a respeito de como é extremamente importante para quem se propõe a aventurar-se nas ciências sociais que haja um distanciamento do seu objeto de pesquisa, seja ele um indivíduo específico, um grupo social ou determinado fenômeno pelo qual se tem interesse. Esse “conselho”, por mais bem-intencionado que seja, principalmente porque busca-se prover ferramentas úteis para as mais variadas introspecções e debates que experienciamos no mundo acadêmico, está inserido em um paradigma das ciências como forma de chegar a uma verdade sobre o mundo das coisas em si. Esse incômodo encontra-se presente como pano de fundo em qualquer contato que eu tenha com o campo de pesquisa e dá origem a duas perguntas a respeito das quais considero que vale a pena refletir.

Em primeiro lugar, seria possível nos distanciarmos do nosso objeto de pesquisa? Essa perspectiva a respeito do trabalho de campo sempre me deixou com diversas dúvidas a respeito do que é que se constitui enquanto objetividade e subjetividade nas ciências sociais e humanas.

As perspectivas parciais, nesse sentido, sempre me atraíram mais do que as tentativas

totalizadoras de isenção ou, como as define Donna Haraway (1995, p. 27), o “truque de deus”. A ideia do distanciamento, como frequentemente me foi enunciada sempre pareceu extremamente desanimadora: uma das coisas que mais me chama a atenção no trabalho de campo frequentemente empreendido nas ciências sociais, em especial na Antropologia, são as relações ali presentes, tanto entre os indivíduos *com os quais* se pesquisa através das experiências de suas vidas, como aqueles processos atuantes no próprio íntimo da/do antropóloga/o que realiza a pesquisa. Haraway aponta, justamente nesse sentido, que

a única posição a partir da qual a objetividade não tem a possibilidade de ser posta em prática e honrada é a do ponto de vista do senhor, do Homem, do deus único, cujo Olho produz, apropria e ordena toda a diferença. [...] O truque de deus é auto-idêntico e nos enganamos ao tomá-lo por criatividade e conhecimento, até por onisciência (HARAWAY, 1995, p. 27).

Levando isso em conta, levanto a segunda pergunta: seria possível viver e experienciar seu objeto e campo de pesquisa de maneira íntima? Encontro na parcialidade de uma perspectiva situada uma singular oportunidade de, para além de não cometer injustiças teóricas, epistemológicas e semânticas, dar conta de construir um mapa sensível das trajetórias de vida, experiências e espaços sociais das pessoas LGBTs que foram tema desta pesquisa.

É importante frisar, nesse sentido, que mesmo o conhecimento científico que é tomado como pretensamente neutro está socialmente situado. As categorias científicas de análise e seus métodos só possuem verdadeira objetividade científica, defendo, quando analisadas levando em conta o contexto sócio-histórico no qual todas as suas reflexões e técnicas se desenrolaram. Chalmers (1993, p. 22) argumenta que a ciência é, numa visão racionalista empirista— chamada por ele de indutivista—, desprovida de opiniões e/ou influências externas que não compreendam aqueles dados obtidos exclusivamente através de experimentos científicos. Esse tipo de raciocínio indutivo desconsidera que por trás da observação existe, antes de tudo, um sujeito observante, alguém que possui uma experiência passada, conhecimento e expectativas (CHALMERS, 1993, p. 48) que acabam por dar contexto e sentido para o fato observado. É necessário, portanto, parafraseando Félix Guattari (1973, p. 2-3, apud PRECIADO, 2011, p. 16-17), um novo espírito científico, uma reviravolta epistemológica.

2.2 POR UM FOCO *QUEER*

O empreendimento aqui realizado necessitou da utilização de ferramentas e aportes teóricos, assim como de perspectivas apropriadas para o problema proposto. Com foco nos processos

(hetero)normalizadores marcados pela produção simultânea do hegemônico e do subalterno (MISKOLCI, 2009, p. 157), se tratou de, através das experiências vividas no campo, da empiria etnográfica (PEIRANO, 2014, p. 380), de produzir, reconstituir, explicitar e analisar os processos sociais que marcam tanto os conflitos e tensões presentes nas trajetórias de estudantes universitárias/os LGBTs como a própria constituição desses sujeitos enquanto tais. Esse foco, denominado aqui de “*queer*”, tem como cerne não somente uma ênfase nesses processos normalizadores, mas o lançar de um olhar crítico sobre as identidades e estratégias políticas que se ancoram num sujeito definido previamente, de forma sintonizada com o que faz a tradição antropológica desde os seus clássicos.

A obra “*Gender Trouble: feminism and the subversion of identity*”, de Judith Butler (1990), foi um importante marco na construção desse posicionamento, na medida em que traz à tona a questão da utilização da categoria “mulheres” como sujeito político dos movimentos feministas, questionando a fixidez dessa identidade e sua pressuposta universalidade como pretexto para exclusão. A autora toca num tema da maior relevância para qualquer contexto de luta por direitos civis e políticos de minorias: quem devem ser os titulares desses direitos? O que importa não é somente a resposta para essa pergunta, mas a pergunta em si. Quais são aquelas pessoas que farão parte do “quem” quando nós definirmos de quem se trata? Quando utilizamos a categoria “mulheres”, quais mulheres estão implicadas automaticamente nesse termo universalizante e quais não estão? Questão semelhante foi colocada em pauta por Chandra Talpade Mohanty (1988) em artigo em que discute as implicações sociais e políticas da utilização do termo universalizante “mulheres do terceiro mundo” como forma de se referir a mulheres de países colonizados, como se houvesse uma situação ou opressão que as concatenasse numa teia mais geral de relações, ideia que Mohanty declina enquanto categoria de análise.

Assim como no caso do sujeito “mulheres”, podemos empreender tarefa semelhante e perturbar as nossas concepções a respeito do que significa, de fato, dizer que há sujeitos que se constituem enquanto “lésbicas”, “gays”, “bissexuais” e “trans”. Podemos afirmar, de maneira similar ao que Butler realiza com o gênero (XV, 1990), que existem práticas sociais homo—não necessariamente sexuais—repetitivas e rituais que constituem e consolidam, através de mecanismos performativos, o significado de ser “gay” ou qualquer outra identidade sexual e de gênero. O problema aqui reside no fato de que, quando buscamos por esse sujeito, quando buscamos por um sujeito “LGBT”, podemos acabar não encontrando nada ou muito pouco.

Nossas categorias e classificações teóricas a respeito das identidades sexuais e de gênero das

pessoas, portanto, nem sempre encontrarão correspondência com a realidade das práticas sociais e sexuais dessas pessoas, pois essas categorias não são autoevidentes, ou seja, não dizem tudo a respeito de todas as pessoas que tentamos encaixar nelas. Nesse caso, em que momento uma pessoa deixaria de ser heterossexual na nossa classificação presumida e passaria a ser entendida como homossexual, e vice-versa? Como traçar uma linha que separa as categorias entre si e é capaz de delimitar as fronteiras dessas identidades? Essas foram questões com as quais tive que me deparar desde o primeiro momento da pesquisa, dado que o próprio título do projeto—“Espaços sociais, trajetórias e experiências de **estudantes LGBTs** na Universidade Federal de Viçosa” [grifo meu]—previa a existência de ao menos cinco classes de sujeitos: “lésbicas”, “gays”, “bissexuais”, “trans” e, como categoria capaz de condensar e organizar todas esses sujeitos num contexto minimamente comum de incorporação de uma instituição do saber específica, nesse caso, da universidade, “estudantes”.

2.3 O REGIME FARMACOPORNOGRÁFICO E AS “FICÇÕES POLÍTICAS VIVAS”

Preciado cunha, em seu ensaio intitulado “Multidões *queer*” (2011), o conceito de sexopolítica (*sexopolitics*), desenvolvido a partir da noção de performatividade de Judith Butler, do método genealógico de Michel Foucault e das ideias de Monique Wittig, ao longo de seu livro “TESTO JUNKIE” (2018b). Segundo o autor, após longos processos sociais, políticos, jurídicos e científicos, as identidades homo e heterossexual foram produzidas no fim dos anos 1860, respectivamente enquanto patologia e enquanto critério de normalidade dentro de uma esfera jurídico-político-científica de vigilância, repressão e conhecimento. Preciado chama essa composição, partindo das ideias de Foucault e Thomas Laqueur, de regime disciplinar. Esse regime se justapõe ao regime soberano necropolítico—aquele em que a expressão máxima da soberania reside em permitir a vida e ordenar a morte (MBEMBE, 2016); no caso, um poder “masculino” e focado na figura do Rei, do Pai e de Deus—, em que as tecnologias de produção da verdade são as mitologias religiosas e não a ciência (PRECIADO, 2018b, p. 87).

Preciado (2018b, p. 76) argumenta que, tanto o sexo como suas formas de visibilização e externalização, a sexualidade e as formas normais e patológicas de prazer e a raça, seja em termos de pureza ou de degeneração, “são três poderosas ficções somáticas que obcecaram o mundo ocidental desde o século XVIII, chegando a definir o escopo de toda atividade teórica, científica e política contemporânea”. Ao definir essas dimensões da vida social enquanto “ficções”, o autor deixa explícito que não o faz em virtude de uma falta de realidade material, mas sim porque a

existência dessas dimensões depende da repetição performativa de processos de construção política.

A instituição desse regime sobre os corpos no século XVIII possibilitou, naquele momento, criminalizar práticas como o aborto e o infanticídio, assim como levar a masturbação e qualquer prática sexual não reprodutiva para o centro dos organismos médicos e psiquiátricos de exame. Após 1945, as tecnologias de guerra dão origem, argumenta Preciado, a um novo regime sexopolítico, o regime farmacopornográfico. Nele, com a proeminência das novas tecnologias suaves de microcontrole do corpo (biotecnologia, endocrinologia, cirurgia) e da representação (fotografia, televisão, internet), o corpo deixa de habitar os espaços disciplinadores e passa a ser habitado por eles (PRECIADO, 2018b, p. 84-86). O regime farmacopornográfico justapõe-se ao regime soberano e ao regime disciplinar, formando uma espécie de “mil-folhas” (BIBLIOTECAS, 2014).

Preciado dá conta, nesse sentido, de traçar uma genealogia dos regimes e contextos sexopolíticos de maneira suficientemente completa para que possamos afirmar, da mesma forma que o autor (BIBLIOTECAS, 2014), que, enquanto noções construídas social e politicamente através da repetição ritualizada de práticas sociais e da incorporação de espaços disciplinadores, as identidades sexuais, de gênero, raciais ou de outro tipo se constituem enquanto ficções políticas vivas, encarnadas. Não seria exagero afirmar, assim, que cada corpo se constitui enquanto uma ficção política viva. E é através dessa lente teórica que passei a ver meu trabalho de campo.

3 OBJETIVOS

Este projeto teve como objetivo central analisar as trajetórias de vida e as experiências de estudantes universitários lésbicas, gays, bissexuais e trans (LGBTs) na Universidade Federal de Viçosa, em Viçosa – MG. Mais especificamente, a pesquisa se propôs a:

- 1) Compreender as dinâmicas do processo de transição envolvido na entrada e na permanência de estudantes LGBTs no ambiente universitário, em particular no que diz respeito à sua forma de lidar com a própria sexualidade/gênero.
- 2) Analisar as especificidades dos espaços de sociabilidade e de convívio de estudantes LGBTs na Universidade Federal de Viçosa.
- 3) Identificar e caracterizar as tensões sociais produzidas por situações de discriminação contra estudantes LGBTs na Universidade Federal de Viçosa e a propósito da diversidade sexual e de gênero.
- 4) Identificar e caracterizar formas de agência, resistência, negociação e posicionamento político,

individual e coletivo, contexto dessas tensões sociais.

4 MÉTODOS

No desenvolvimento dessa pesquisa utilizei o método etnográfico, que consiste, em suma, num mergulho profundo e prolongado na vida cotidiana das pessoas sobre e com as quais queremos compreender e aprender. Originalmente, previ que a realização da pesquisa se daria em três fases: a primeira corresponderia ao levantamento bibliográfico com foco nas categorias de “trajetória de vida” e “metamorfose social” de estudantes universitários LGBTs, e nas descrições das formas de conflito e negociação em torno à diversidade sexual no contexto das instituições de ensino superior. A segunda fase constituir-se-ia na realização de entrevistas e, finalmente, a terceira fase seria composta pela incursão etnográfica.

Porém, conforme dei os primeiros passos exploratórios, houve diversos problemas com esse esquema anteriormente previsto. O principal problema diz respeito ao trajeto percorrido pela revisão bibliográfica: é bem verdade que as categorias previamente estabelecidas estiveram em pauta durante uma parte considerável do início da pesquisa. O primeiro problema encontrado, entretanto, diz respeito às próprias categorias e sujeitos selecionados e definidos *a priori*. Urpi Uriarte (2012, p. 5-6) aponta que o trabalho de campo etnográfico não se resume à coleta e à interpretação de dados produzidos no campo. Em primeiro lugar, os “fatos” não estão lá para serem observados: é tarefa da pessoa que pesquisa dar forma e significado para essas informações, assim como estabelecer relações entre pontos de interesse específicos. Em segundo lugar, a base mesma da etnografia não é a simples observação de fatos ou coleta de informações, mas sim a descrição densa de uma realidade criada a partir da experiência pessoal da pessoa pesquisadora no campo e até mesmo antes dele. Nesse sentido, é preciso deixar explícito aqui que houve uma virada conceitual, teórica e metodológica no início e na metade do tempo previsto para a pesquisa: me interessei inicialmente pelo processo de transição do espaço familiar para o espaço universitário e pela incorporação de um *ethos* universitário. Entretanto, a partir do momento que fiz a primeira incursão no campo, comecei a perceber que seria extremamente difícil seguir com essa ideia, na medida em que as pessoas com as quais eu conversava em festas, nos meus círculos sociais e em círculos sociais paralelos, revelavam cada vez mais, em primeiro lugar, uma inadequação das minhas categorias *a priori* “estudantes” e “LGBTs”. De maneira diretamente relacionada, esse primeiro problema levou a um segundo: meu interesse se moveu do processo de transição casa-universidade à luz das identidades sexuais e de gênero e passou a estar precisamente nas identidades sexuais e de gênero como

paralelas e articuladas a uma identidade de “estudante”.

Foi necessária, portanto, uma remodelação dos passos da pesquisa. A revisão bibliográfica realizada teve como foco, para além das categorias de metamorfose e trajetória de vida, temas de filosofia da ciência/epistemologia, assim como a construção político-jurídico-científica das identidades sociais, com ênfase na perspectiva da teoria *queer*. A incursão etnográfica se deu não apenas através da visita a supostos espaços de sociabilidade e convívio de pessoas “LGBTs” e da criação de relações com as pessoas que foram entrevistadas, mas também através da reflexão e reconstituição da minha própria trajetória enquanto estudante-pesquisador bissexual em não-conformidade com a heteronorma. Foram gravadas, dessa forma, quatro entrevistas, conforme disposto no Quadro abaixo. A respeito dessas entrevistas, busquei fazer uma análise de forma a, quando não entrelaçar, ao menos comparar minha experiência pessoal com as dessas pessoas.

Quadro – Participantes da pesquisa

Nome	Origem	Idade (anos)	Curso	Data de Ingresso	Duração da entrevista
Professor	-	-	Não é estudante	Não se aplica	52m59s
Augusto	Águia Branca/ES	21	Eng. de Agrimensura e Cartográfica	2013	39m12s
Josefina Bonaparte	Viçosa/MG	23	Lic. em Letras - Português/Francês	2012	58m16s
Juliana	Ituiutaba/MG	21	Lic. em Ciências Sociais	2015	15m10s
Henrique	Ubá/MG	20	Não se aplica	Não se aplica	Não Houve
Caio	Vitória/ES	20	Eng. Química	2016	Não Houve
Yuri	Leopoldina/MG	21	Eng. Agrícola e Ambiental	2017	Não houve

5 RESULTADOS/DISCUSSÃO

5.1 A UFV E SEU HISTÓRICO

A Universidade Federal de Viçosa (UFV) se situa na Zona da Mata Mineira, interior do

Estado de Minas Gerais, e surgiu em 1922 como Escola Superior de Agricultura e Veterinária (ESAV), passando a se chamar Universidade Rural do Estado de Minas Gerais (UREMG) em 1948. Durante a ditadura militar, em 1969, a UFV foi federalizada por decreto do Presidente Costa e Silva e passou a ter seu nome atual. Devido a seu histórico e localização geográfica, a UFV se destaca por sua tradição no ensino das ciências agrárias, privilegiando o ensino prático e a extensão rural, tendo como um de seus principais eventos anuais a agora chamada de “Semana do Fazendeiro”, que reúne produtores rurais e empresas do ramo agrícola em uma espécie de feira do agronegócio. Segundo Maria das Graças Ribeiro (2008, p. 6), apesar de já serem oferecidas disciplinas como sociologia, economia e educação rural já na ESAV, as ciências humanas só foram surgir de fato no seio da Escola Superior de Ciências Domésticas (ESCD), primeiro com o curso de Economia Doméstica e depois através da criação do curso de pedagogia em 1971, e, em 1975 e 1976, os cursos de letras e administração e economia, respectivamente. Nesse contexto em que predominou por um tempo uma divisão de gênero nítida nos campos científicos, sendo as ciências domésticas associadas à feminilidade e as ciências agrárias à masculinidade, não seria precipitado supor que as tensões no campo das identidades sexuais e de gênero estão imbricadas no próprio histórico da UFV, seja nos atos de demonstração de poder ou nos atos de resistência.

É importante, nesse sentido, citar o caso de “Peter Lorre”, suposto nome de um estudante da ESAV que, conforme abordado por Jairo Barduni Filho et al (2014) em outra ocasião, foi pauta, nos anos 1950, de publicações preconceituosas no jornal “O Bonde”, editado por estudantes da própria instituição. Ele teria sido alvo de perseguições em diversas publicações no respectivo jornal por não se enquadrar nas características do denominado “espírito esaviano”, que dentre suas disposições tinha a oposição entre o literato e o agrícola; a mulher e o homem; o sensível e o rústico, formando, portanto, uma identidade que se constituía também a partir de um padrão de masculinidade ao qual “Peter Lorre” parecia não corresponder. “Peter Lorre” era um apelido, fazendo referência ao ator austro-húngaro de mesmo nome, dado a um estudante específico da ESAV (que contava, na época, com cerca de 200 estudantes) que parecia se interessar pelas artes, por poesia e literatura, comportamento associado à feminilidade e que não condizia com o esperado de um “homem esaviano”.

Em outro momento houve, segundo relato de um professor do CAp/COLUNI, ao final da década de 1990 e início dos anos 2000, um embate entre um casal de rapazes e seus colegas que estudavam no Colégio. O casal teria sido vítima de violência verbal. Esse fato fez com que suas amigas/os se articulassem para organizar debates a respeito de diversidade sexual e de gênero

dentro do Colégio, com a ajuda de algumas professoras e professoras:

Tinha, por exemplo, o trabalho da feira de ciência, e o que eles propuseram? A história da sexualidade, da homossexualidade, no qual, nesse trabalho eles inclusive enfrentam a igreja, trazem a bíblia, trazem textos bíblicos. Esse é o primeiro passo. Eles chamam a Brenda¹ pra fazer uma palestra, que não era nem vereadora, a Brenda era uma trava [sic] recém-chegada na cidade e eles chamam a Brenda pra dentro do colégio, pra fazer uma palestra. E convidam o NIEG², passam um filme, “Três Formas de Amar” [e] trazem eles para fazer um debate (PROFESSOR, 2017).

No início da realização dessa pesquisa, recebi um arquivo de um dos membros fundadores do Coletivo Primavera nos Dentes, do qual participo. Nesse arquivo, enviado a ele por Luiz Mott, constam diversos relatos a respeito de casos de homofobia na cidade: um conflito entre uma revista evangélica famosa da cidade e o “movimento homossexual” a respeito do HIV/AIDS, incluindo a divulgação de uma guia de internação de um paciente “suspeito” [sic] de ter HIV; um caso de discriminação contra o próprio Luiz Mott quando este veio à UFV, por parte da reitoria; uma situação em que um dos ex-diretores do COLUNI teria escrito no Boletim do Colégio impropérios contra homossexuais; o assassinato da travesti “Betinho” em Viçosa em 1998 por espancamento e tiros; a realização do 3º Encontro Cristão sobre Homossexualismo em Viçosa, sob protestos da ABGLT e do GGB e, por último, um caso de agressão contra um morador de um dos alojamentos da UFV, que foi motivo de mobilização de universitários, culminando numa troca de e-mails entre o próprio Luiz Mott e a Pró-Reitoria de Extensão e Cultura da UFV à época. É importante frisar que todos esses casos constituem uma gama de relatos a respeito de tensionamentos sobre diversidade sexual e de gênero em Viçosa e na UFV, apesar de não ter sido possível, no contexto dessa pesquisa, reconstruir fielmente esses fatos.

Chamo a atenção para tentativas que fiz de conseguir informações a respeito de pelo menos três dessas situações. Consegui, junto à editora responsável pela revista evangélica em questão, três edições da revista do final dos anos 80. A temática do HIV/AIDS foi pauta em especial no nº 183,

¹ Brenda Santunioni é a primeira vereadora trans da Câmara Municipal de Viçosa, e também a única mulher eleita para a legislatura 2017/2020. Foi editora de revista, colunista social, radialista e fundou a ONG Movimento Diversidade Viçosa (MDV). Antes de se tornar vereadora, coordenou por mais de 5 anos o Departamento de Turismo da cidade. Preside, na Câmara, a Comissão de Direitos Humanos, Segurança, Prevenção e Cidadania, além do Comitê de Combate à Discriminação e Promoção da Cidadania e dos Direitos Humanos de LGBTs da prefeitura.

² O Núcleo Interdisciplinar de Estudos de Gênero (NIEG) foi criado na UFV em 2004, no âmbito do Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes (CCH) com o objetivo de desenvolver programas interdisciplinares de pesquisa, extensão, formação e capacitação de recursos humanos nas várias áreas do conhecimento humano referentes aos estudos sobre gênero.

de Abril de 1987, constando de fato a guia de internação do paciente na revista. assim como o registro de trocas de cartas com a revistado próprio Luiz Mott e da agora vereadora Brenda Santunioni. Em conversa com a vereadora ela confirmou o atrito, mas esclareceu que, apesar dele, mantinha uma boa relação com o reverendo presbiteriano responsável pela revista até seu falecimento, em 2016.

Para além do caso da revista, que pretendo tratar em outra ocasião, obtive a confirmação do estudante agredido no “alojamento”³ de que o caso realmente ocorreu, e foi o que motivou sua saída da universidade. Quando tentei contato com a Pró-Reitoria de Assuntos Comunitários para obter acesso ao relatório da comissão disciplinar que avaliou o caso, não obtive sucesso em conseguir essas informações conforme documentadas nos arquivos da UFV por essa via, sob desculpas de que era difícil conseguir um processo arquivado e de natureza sigilosa. Também tentei entrar em contato com o professor Luiz Mott por e-mail para obter informações a respeito de sua visita em Viçosa, situação em que também não obtive sucesso.

É importante mencionar que apesar das tensões enfrentadas politicamente ora por indivíduos, ora por grupos de pessoas⁴, foram logradas conquistas relevantes que foram fruto de articulações políticas de resistência, como é o caso da instituição do nome social para pessoas trans na UFV em 2013 (MIOTTO, 2015)⁵ ou das recentes campanhas (em 2017 e especialmente em 2018) em que as pessoas LGBTs têm obtido importante foco institucional⁶.

5.2 A CHEGADA AO CAMPO E OS PRIMEIROS CONTATOS

Apesar de ter nascido e morado até os meus 18 anos na cidade que abriga a Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), no Estado de São Paulo, o contato que tive com o ambiente

³ A partir de 2015 os Alojamentos passaram a se chamar Morádias Estudantis, segundo seu novo regimento (UNIVERSIDADE FEDERAL DE VIÇOSA, 2015).

⁴ Como é o caso do Coletivo Primavera nos Dentes, surgido na UFV em 2008 e atuante desde então.

⁵ A proposta de instituição do nome social na UFV partiu do Fórum de Políticas de Combate às Opressões da UFV, composto por coletivos e estudantes, para a Pró-reitoria de Assuntos Comunitários que em 2013 a remeteu ao Conselho de Ensino, Pesquisa e Extensão. A medida se deu após situação de aflição vivenciada por uma estudante trans do curso de Licenciatura em Física que passou por constrangimentos ao tentar se matricular na instituição utilizando seu nome social.

⁶ Em 28 de Junho de 2017, a UFV publicou em sua página no Facebook uma imagem em comemoração do dia do Orgulho LGBT, em que constam os dizeres “Orgulho de quem eu sou, orgulho de quem você é, orgulho de toda diversidade”, fazendo menção ainda a um vídeo-documentário produzido pelo Coletivo Primavera nos Dentes e à mostra de cinema organizada pelo Cineclube Carcará. Na semana do dia 17 de maio de 2018, Dia Internacional de Combate à LGBTfobia, por sua vez, a universidade produziu três imagens com fotos de quatro estudantes LGBTs. Junto a textos informativos, as imagens traziam questionamentos direcionados à comunidade acadêmica: “Por que te incomodamos?”, “Por que nos matam tanto?” e “Por que nossos direitos não são respeitados?”.

universitário durante minha vida escolar foi quase que totalmente inexistente. No último ano do ensino médio, porém, fui a uma festa intitulada “Babado” no Campus da UNICAMP, e posteriormente numa mesa de debate com o tema “LGBTTs e o Comunismo” em que estavam presentes Amanda Palha e Wagner Farias, ambas as pessoas militantes do Partido Comunista Brasileiro (PCB).

A festa “Babado” era realizada pelo Coletivo Babado, grupo de diversidade sexual e de gênero da UNICAMP, dentro das atividades da “Semana do Babado”, e foi importante nesse processo porque, além de ter sido o primeiro lugar em que beijei um menino em público, marcando assim um ponto de virada importante na minha relação com minha sexualidade, foi ela que permitiu que eu tivesse conhecimento, através de pessoas que lá conheci, da mesa de debate supracitada. A minha presença nesse evento significou, pela primeira vez, que eu estava dentro de um espaço universitário, ainda que eu não fizesse parte daquilo de maneira efetiva e não compartilhasse dos mesmos códigos daquelas pessoas. Tanto a festa como a mesa me fizeram sentir vontade de estar ali e de compartilhar daquele ambiente com aquelas pessoas.

Tudo o que eu sabia sobre Viçosa, à época do Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM), era que a cidade ficava em algum lugar no interior de Minas Gerais. Chegar a Minas Gerais foi uma experiência fascinante: conforme o ônibus passava por Juiz de Fora—cidade que muito estranhei por causa de seu relevo irregular—, vindo do estado do Rio de Janeiro e, anteriormente, de Campinas, chegando cada vez mais próximo de Viçosa, parecia que eu estava precisamente no meio do nada. Nas janelas, fazendas pintavam a paisagem e, vez ou outra, cidades com nomes estranhos para mim—quando sequer eu os entendia—eram anunciadas por passageiros já exaustos pela viagem de quase doze horas: Rio Pomba, Tocantins, Ubá, Visconde do Rio Branco, São Geraldo, Coimbra. Àquela altura eu pensava, ansiosamente, em que lugares eram aqueles e em qual enrascada eu havia me metido. As estradas, todas curvas, contornando os morros. Não havia prédios no meio do caminho e aquilo tudo era muito diferente de qualquer lugar que eu já havia visitado. Eu parecia entrar em outro mundo. É possível afirmar que meu campo havia começado antes de eu sequer ter ideia de que faria essa pesquisa.

Decidi, em Agosto de 2017, que faria um curso de Comunicação Acadêmica em Inglês disponibilizado pela UFV. Em uma das primeiras aulas do curso em questão, a professora sugeriu uma dinâmica para que nos conhecêssemos. Um garoto branco e não muito alto, com o qual eu havia conversado durante a atividade me chamou a atenção. Ao fim da aula, fui até ele enquanto

saía do Pavilhão de Aulas I (PVA) e perguntei qual era seu nome e se estava gostando das aulas: uma conversa trivial. Augusto me contou brevemente de sua experiência de intercâmbio da Alemanha.

Posteriormente, nos adicionamos na rede social Facebook, conversamos mais algumas vezes e o convidei para tomar um sorvete em um fim de semana, no fim de Agosto. Fomos, naquele sábado, até uma sorveteria ao lado da entrada do Campus da UFV. Augusto me contou que ele estava com alguns conflitos a respeito de um relacionamento com o qual ele tentava lidar. Ele achava ser explorado por um rapaz com o qual estava saindo. O rapaz era um mestrando que precisava de seu auxílio com um programa da área de engenharia de agrimensura e cartográfica—que é o curso de Augusto, que estava no sétimo período, e que portanto ele de certa forma dominava. Até aquele momento, não havia sido feita referência alguma à sexualidade de Augusto. Perguntei a ele se era bissexual, ao que respondeu que simplesmente não sabia: “Saí com meninas e gostei. Saí com meninos mais recentemente e gostei. Acho que é isso”. Augusto me disse que para ele, que vinha de um contexto rural, era muito difícil lidar com essas coisas em sua família, e que estar na UFV era para ele uma forma de ruptura com aquela realidade. Naquele momento, e pela primeira vez desde que eu havia começado a pensar no campo da minha pesquisa, tive um *insight* e contei sobre a pesquisa que eu estava desenvolvendo. Ele se interessou e aceitou me dar uma entrevista e eventualmente conversar mais comigo sobre o tema.

Durante os primeiros dias de aula no curso de Ciências Sociais da UFV, percebi que havia o costume de que as/os estudantes frequentassem, durante o intervalo das aulas do período noturno (de 20:10 até 20:30), o “Barzinho do DCE”. Foi durante uma dessas caminhadas diárias entre o PVA e o Barzinho do DCE que, por acaso, conheci Juliana, caloura do mesmo curso que eu, branca e de cabelos curtos. Eu, Juliana e Rogério, numa dessas caminhadas que ocorreu na primeira ou segunda semana de Março de 2015, conversamos a respeito de nossas sexualidades. Descobrimos ali, umas contando para as outras, que nós três nos definíamos enquanto bissexuais; e, ambas as pessoas, que eu não me identificava nem com o gênero feminino e nem com o masculino. Passaram, assim, a me tratar no feminino, a meu pedido.

Combinamos ali mesmo, eu e Juliana, que após as aulas daquele dia, ela me ajudaria a pintar meu cabelo em casa. Eu estava com o cabelo roxo e queria que ele voltasse a ser castanho claro. Foi o que tentamos fazer mais tarde naquele dia, resultando num cabelo castanho alaranjado. A partir daquele dia, passamos a construir uma relação de amizade.

Em Julho de 2017, durante a época da Semana do Fazendeiro, Josefina Bonaparte, ex-estudante da UFV, negro e formado em Letras, me chamou para visitar, junto dele, as instalações e atrações presentes no evento. Conheci Josefina através do Facebook, apesar de termos muitas amizades próximas em comum. Desde o começo, pensei se tratar de uma pessoa trans, em virtude da utilização de um nome que julguei, à época, feminino. Descobri depois que esse não era o caso e que Josefina tinha, na verdade, outros motivos para ter escolhido esse nome, ligados principalmente ao seu interesse por moda. O nome vinha de Joséphine de Beauharnais, primeira esposa de Napoleão Bonaparte.

Ao sair com Josefina e conhecê-lo na Semana do Fazendeiro, desenvolvi uma imensa curiosidade por sua maneira de ser e pela origem de seu nome. Até aquele momento eu também não sabia que Josefina havia feito parte do Primavera nos Dentes, coletivo do qual eu era integrante desde 2015.

No primeiro semestre de 2017 participei, junto de meu orientador e outras colegas de curso, da elaboração e da coordenação de uma atividade sobre relações étnico-raciais e de gênero, a pedido do professor coordenador de uma disciplina introdutória do curso de Engenharia Agrícola e Ambiental. Horas após essa atividade, eu e um colega que também participou da atividade sentamos durante o jantar numa mesa do Restaurante Universitário, na frente de um rapaz que, de manhã, havia estado presente na atividade. Ele era calouro e se chamava Yuri. Conversamos a respeito da atividade e ele nos disse que havia gostado muito, e que considerava esse tipo de atividade importante. Ele utilizava uma pulseira com os dizeres “Eu amo Jesus” no braço esquerdo. Trocamos contatos com ele, e descobrimos depois que, apesar daquela conversa, Yuri era simpático às ideias de um notório político de extrema direita do cenário nacional, compartilhando inclusive diversas informações a respeito dele em suas redes sociais. Foi um choque: não esperávamos aquilo, considerando a conversa que havia ocorrido dias antes.

Em algumas ocasiões ao longo daquele ano conversei com Yuri a respeito de suas posições políticas e religiosas, e também a respeito de sua sexualidade, mais numa tentativa de compreender suas ideias do que de operar qualquer tipo de proselitismo político. Contou-me que já havia ficado com garotos e que gostava de garotas também, mas que por causa de sua religião havia escolhido não se relacionar mais com garotos. Recentemente, durante os últimos dois meses dessa pesquisa (junho e julho), percebi que Yuri publicava fotos em que ele estava com a lateral direita do cabelo

raspada. Imediatamente me recordei do artigo de Edmund Leach (1983) a respeito dos significados sociais e simbólicos do cabelo e, após esse *insight*, resolvi elogiar seu novo penteado, na esperança de que eu pudesse questioná-lo sobre o motivo do corte de cabelo. Yuri respondeu de maneira animada, reclamou sobre o peso das provas no fim do terceiro período e me perguntou até quando eu permaneceria em Viçosa, em virtude do recesso de inverno. Respondi que não iria embora nesse recesso, e o convidei para sair, para que pudéssemos conversar. Combinamos, após uma semana de conversas, em ir na Semana do Fazendeiro.

5.3 ENTRE RUPTURAS E PROJETOS

Deparei-me, através dos relatos e com os primeiros contatos que tive com as pessoas no campo, com uma manifestação do que Alain Coulon chama de “tempo do estranhamento” (2008, p. 32), em que as/os estudantes experienciam o rompimento com a dinâmica e as regras do mundo familiar, seja em menor ou maior grau, seja numa quebra de expectativas de futuro projetadas pela família, expresso nas palavras de Augusto através da metáfora da “ruptura de realidade”. Gilberto Velho (1994, p. 46) dá a esse fenômeno o nome de “conflito de projetos”. “Os projetos individuais”, argumenta, “sempre interagem com outros dentro de um campo de possibilidades. Não operam num vácuo, mas sim a partir de premissas e paradigmas culturais compartilhados por universos específicos”. A mudança da vida pré-universitária para a vida universitária parece envolver sempre, no contexto dos casos estudados, um conflito de projetos entre seja lá qual for a expectativa familiar em relação ao futuro da pessoa em questão e o que essa pessoa tem como projeto pessoal para si, em articulação com o processo de reivindicação de uma identidade sexual ou de gênero, sejam elas quais forem.

Coulon (idem, p. 34) sustenta, ao analisar o fenômeno do fracasso no primeiro ano de ingresso de estudantes na Université Paris 8, que é nesse momento em que ocorrem múltiplas rupturas simultâneas nas condições de existência, na vida afetiva e na relação pedagógica entre estudantes e docentes. Para além dessas rupturas, Coulon (idem, p. 35) argumenta ainda que há modificações importantes no processo de aprendizagem, notadamente no tempo, no espaço, e nas regras do saber. No que se refere às mudanças na relação com o tempo, as aulas não possuem mais a mesma duração das aulas do ensino médio, e o volume semanal de horas dedicada ao estudo é maior; o ano passa a ser recortado em dois semestres em vez de quatro bimestres, no caso brasileiro; as provas acontecem em momentos distintos do semestre, a depender de cada disciplina. As relações com o espaço também mudam, na medida em que num campus universitário as dimensões

são muito maiores do que numa escola de ensino médio, mesmo aquelas de grande porte. A principal mudança reside, entretanto, para Coulon, na relação com as regras e com o saber:

Na universidade, inicialmente, há um número expressivo [de regras] que atuam, eventualmente, de forma simultânea, além de serem muito mais complexas. Elas são, com frequência, articuladas umas às outras resultando em que, o desconhecimento de uma delas, provoque a ignorância de todo um grupo de regras que lhe são relacionadas. [...] Quanto à relação com o saber, ele é totalmente modificado quando se entra na universidade, ou pela amplitude dos campos intelectuais abordados, ou em razão de uma maior necessidade de síntese ou ainda, por causa do laço que o ensino superior estabelece entre esses saberes e a atividade profissional futura (COULON, 2008, p. 35-36).

Nas minhas primeiras horas de conversa com Yuri após reestabelecermos contato, era nítida a maneira atabalhoada pela qual seu semestre parecia terminar. Na UFV, quando estudantes não atingem a nota mínima de progressão (que é, hoje, 60%) e cumprem o requisito de terem atingido ao menos 40% de aproveitamento, lhes é facultada a realização de exames finais que possibilitam, dependendo da nota obtida nesses exames, atingir a nota mínima. Era esse o drama de Yuri e o motivo de seu desespero latente àquela época. Apesar de não terem passado pela mesma situação, esse tipo de preocupação foi mais enunciado nos discursos de Yuri e de Augusto, estudantes de dois cursos de engenharia.

Enquanto para Yuri a saída da casa de sua mãe em Leopoldina, interior de Minas Gerais, representou algo ruim para ele, na medida em que o afastou de um cotidiano familiar que era prazeroso para ele, no caso de Augusto a saída da casa de seus pais em Águia Branca, interior do Espírito Santo, não aconteceu à época da entrada na universidade. Foi, ao invés, quando resolveu fazer um curso técnico de agropecuária no Instituto Federal do Espírito Santo (IFES). Segundo Augusto, essa foi uma decisão extremamente importante na sua vida porque representou, ainda que preliminarmente, uma saída do contexto rural do qual não queria mais fazer parte. Optou, nesse sentido, por fazer um curso técnico da área agrária como forma de deixar o contexto rural, por mais paradoxal que isso possa parecer a princípio. Foi durante sua experiência no ensino médio técnico que Augusto entrou em contato com a música através de um professor de Artes, tentando tocar flauta e posteriormente cantando. Foi lá, também, que ele tomou conhecimento de que existia uma universidade pública e gratuita como a UFV na qual ele poderia estudar.

Juliana, de Ituiutaba, de maneira semelhante, ainda que por razões diferentes, deixou de lado, ao fazer sua opção pela UFV, a possibilidade de ficar próxima a sua família ao estudar em Uberlândia:

Era uma cidade que eu conhecia um pouco, que eu tenho família e aí eu não quis [...] eu queria chegar em um lugar que eu não conhecesse nada e estabelecer relações a partir desse nada que eu tivesse (JULIANA, 2017).

O sentimento de necessidade de mudança presente nas trajetórias de Augusto e de Juliana estão presentes também, em seu viés econômico, tanto na minha própria trajetória, como na trajetória de Josefina, que decidiu, após cursar um semestre de Moda em São Paulo, voltar para Viçosa:

Eu não me vejo fazendo nenhuma profissão que Viçosa oferece. Acho que meu espírito de vida não se conformaria em ser garçom, sabe, igual eu tive amigos que hoje eu sei que trabalham como garçons frequentemente. Ou trabalhar em loja, assim, eu não tenho a menor paciência para atender as pessoas, eu acho. E sei lá, por exemplo, várias gays [sic] que eu conheço viraram cabeleireiros. E eu também nunca tive paciência para essa coisa de beleza, assim. Então eu falei assim: “Gente, acho que eu preciso fazer um vestibular então, acho que minha única saída é realmente fazer uma graduação.” (BONAPARTE, 2017).

Nascido em Viçosa, Josefina teve um percurso diferente do daquelas pessoas que vieram de fora da cidade. Segundo ele, sua “saída do armário”, por exemplo, nunca ocorreu no âmbito de sua família, na medida em que as relações entre as pessoas em seu contexto familiar eram tão próximas que não havia, segundo ele, margem para dúvidas:

Eu nunca saí do armário, assim. Nunca tive nem a chance de estar dentro do armário, na real. [...] Não tem muito como você estar no armário ali porque as casas são muito próximas, as relações de vizinhança são muito próximas. Então as pessoas percebiam o meu jeito afeminado, ou então se eu tinha “brincado”, essas coisas de criança, com algum outro menino [...] Eu me lembro apenas de uma conversa com a minha mãe... estava passando alguma coisa na TV sobre sexualidade [...] aí eu falei: “Mãe, você sabe que eu sou gay, né?”, mas tipo, foi uma coisa bem natural, assim, não teve nenhum drama por trás disso. E aí ela respondeu assim: “Claro, né, você é meu filho, você acha que eu não sei?” [...] Meu pai também, apesar de a gente não falar muito sobre isso... mas ele sabe, até porque outros amigos gays já foram em casa (BONAPARTE, 2017).

Os conflitos envolvidos entre a publicização ou não da orientação sexual, sair ou não do armário, ou até mesmo considerar que existe um armário e algo que deveria estar guardado lá, não são apenas construções metafóricas a respeito do processo de aceitação de si através de si e através das outras pessoas. O espectro do armário ronda as pessoas que habitam entre o centro e a fronteira das identidades sexuais e de gênero desde muito cedo. Eve Sedgwick (2007, p. 22) aponta que o “armário” não é só uma característica das pessoas gays, por exemplo, mas sim uma característica fundamental de suas vidas sociais, e que “há poucas pessoas gays, por mais corajosas e sinceras que sejam de hábito, por mais afortunadas pelo apoio de suas comunidades imediatas, em cujas vidas o armário não seja ainda uma presença formadora”.

Segundo Juliana, sua mãe alimentava uma profunda desconfiança a respeito de sua sexualidade desde antes dela entrar na UFV, pois ela namorava uma garota de Uberlândia e sempre

arranjava maneiras para que pudesse se encontrar com ela sem que sua mãe soubesse, mas ainda sem conseguir impedir que ela desconfiasse da situação, principalmente em virtude de fofocas e burburinhos das pessoas de sua cidade natal, Ituiutaba, relativamente pequena. Logo antes de entrar na UFV, Juliana decidiu cortar seu cabelo bem curto. Ao voltar para a sua cidade, foi convidada para o casamento de uma amiga sua. Somando ao seu novo cabelo o fato de que ela havia colocado um *button* do dia da visibilidade lésbica em sua foto de perfil do Facebook, uma cena muito estranha se desenrolara, para sua absoluta perplexidade:

Na hora em que eu pisei dentro do salão de casamento, todo mundo me olhou e aí eu fiquei totalmente perdida, com vergonha. Eu cheguei e sentei junto com minha tia e aí a partir do momento que eu sentei, todas as pessoas que passavam por mim ficavam me olhando. Logo após eu sair da igreja, as pessoas ficavam me olhando, mas só que eu percebia, no dia do casamento, que tinha um olhar muito [ênfase] diferente, era um olhar assim, que eu ficava assim, afundada [ênfase] sabe? Que eu ficava assim, “Gente, o que está acontecendo? Eu sou um monstro? O que é isso?” (JULIANA, 2017).

Das pessoas que participaram da pesquisa, apenas Josefina e Juliana tiveram contato com algum tipo de militância organizada por direitos das pessoas LGBTs na universidade. Josefina teve uma experiência conflituosa com o Coletivo Primavera nos Dentes em 2013, na medida em que ele se sentia deslocado e deixado de lado por não compartilhar do mesmo vocabulário daquelas pessoas (“cisgeneridade”, “transgeneridade”, “*queer*”) e não estar familiarizado com esse contexto. Questões que para ele eram extremamente importantes naquela época, como o o casamento entre homens, eram negligenciadas e até mesmo atacadas por pessoas do coletivo. Juliana, por outro lado, teve uma passagem mais breve pelo Primavera nos Dentes, ajudando na construção da Semana de Negritude LGBT, realizada em 2016. Apesar de achar esse tipo de iniciativa importante, ela me confessou, durante uma conversa que tivemos à época de sua saída do coletivo, que era complicado manejar o tempo entre aulas, trabalhos, atividades de extensão e o trabalho exigido pela militância.

5.4 OS ESPAÇOS E AS TENSÕES

Não foi ao entrar na UFV, segundo Augusto, que ele explorou os limites e os conflitos de sua relação com sua sexualidade. Passou seu primeiro ano como calouro na universidade se focando praticamente apenas em estudar. Foi selecionado, no âmbito do Programa Ciências sem Fronteiras, para realizar um intercâmbio de um ano na Alemanha. Foi apenas lá, por causa da improbabilidade de que sua família descobrisse a respeito de sua sexualidade, que tomou a decisão de realizar seus desejos sexuais e afetivos com outros meninos, percebendo que era algo que o agradava. Ao voltar do intercâmbio com essas experiências, porém, Augusto sentiu que não havia mais como voltar

atrás, e passou a vivenciar sua sexualidade com mais liberdade do que antes.

Contudo, é possível notar que há núcleos sociais específicos para os quais Augusto revela sua sexualidade e núcleos nos quais isso não ocorre. Em sua própria casa, por exemplo, num dos apartamentos das Moradias Estudantis da UFV, as pessoas que com ele moram não sabem sobre sua sexualidade. Isso se dá pelo fato dele achar que as pessoas que moram com ele ainda possuem muitos pensamentos e visões homofóbicas. A expressão dessa homofobia se daria, segundo Augusto, especialmente nos processos de entrevistas ocorridos para ingresso nos quartos das Moradias. A realização dessas entrevistas, cabe salientar, não constam como procedimento em nenhum ordenamento jurídico da UFV, nem mesmo no Regimento das Unidades de Moradias Estudantis (UNIVERSIDADE FEDERAL DE VIÇOSA, 2015), apesar de serem praticadas amplamente há décadas e com o pleno conhecimento da administração da universidade, conforme tomei conhecimento em diversas reuniões da Comissão de Direitos Humanos e Diversidade da Pró-reitoria de Assuntos Comunitários da UFV nas quais participei como representante do Coletivo Primavera nos Dentes. Nessas entrevistas, dentre perguntas a respeito de religião e família, figura uma questão a respeito da orientação sexual do postulante.

A votação para entrada e/ou saída de alguém dos quartos deve ser unânime, conforme me relatou Augusto. Se algum morador do apartamento, portanto, se sentir incomodado com a sexualidade de um postulante, essa pessoa pode ter acesso à vaga no apartamento negada por apenas um voto contrário, devendo procurar vaga em outro lugar. Essas regras podem variar de apartamento para apartamento, mas no geral possuem alguma uniformidade e acabam fazendo com que estudantes gays sejam submetidos a uma verdadeira romaria na procura por uma vaga nas residências universitárias.

As entrevistas não parecem ser, assim, apenas rituais de seleção em que são levadas em conta, num jogo de poderes e de discurso (perguntas pré-formuladas/respostas), as características sexuais, religiosas e/ou familiares dos postulantes. Num quadro foucaultiano, é possível dizer que articulam-se, nesse contexto, vigilâncias hierárquicas entre os moradores atuais da casa, em especial entre veteranos e calouros, e entre esses moradores e postulantes; sanções normalizadoras, na medida em que se espera que os moradores de um apartamento ajam uniformemente, sob pena de serem mal vistos; e principalmente um processo de exame (FOUCAULT, 1999, p. 143-161). Foi difícil esconder de Augusto minha perplexidade quando ele me contou a respeito de uma situação em que havia votado contra a entrada de um rapaz que se declarou gay em seu apartamento, com medo de que desconfiassem de sua sexualidade. O mesmo aconteceu com outro rapaz que mora no

mesmo apartamento que Augusto e que, assim como ele, se relaciona com garotos. As outras pessoas que moram no apartamento não sabem das práticas sexuais de ambos.

Algo recorrente durante a realização dessa pesquisa foram relatos a respeito da participação de estudantes em projetos paralelos e extracurriculares, sejam eles ligados à área de internacionalização da universidade, dança ou cursos de extensão de idiomas. A participação nesses projetos não parece ser um mero passatempo para além das atividades dos cursos. No caso de Augusto, por exemplo, esses espaços servem como locais seguros nos quais ele pôde se expressar de maneira mais livre:

Um dos meus núcleos, que eu não gostaria de me assumir porque eu sei que eu sofreria preconceito, por exemplo, [é] o meu curso. Eu comecei a participar de alguns projetos, com as pessoas desses projetos eu comecei a me abrir, sabe? [...] A gente faz umas festas e numa festa eu fiquei com um menino no meio de todo mundo. Uma coisa que eu nunca tinha cogitado fazer. Só que naquele meio eu me senti confortável o suficiente para poder fazer isso, sabe? (AUGUSTO, 2017).

Outro tipo de espaço importante para essas pessoas, para além dos projetos paralelos e de seus círculos de amizade mais íntimos, são as festas. São dignas de nota, nesse sentido, tanto festas periódicas de temática LGBT como as edições da “Gina”⁷, como festas ocorridas em repúblicas LGBTs e estabelecimentos comerciais. As festas LGBTs em estabelecimentos comerciais ocorrem com mais frequência no “*B-Side*” (Lado B), boate LGBT aberta por um estudante gay e uma estudante lésbica em Viçosa no ano de 2017, e no “Flor e Cultura”. No caso do *B-Side*, o ambiente possui fama na cidade de ser frequentado principalmente por pessoas LGBTs e universitários no geral. É importante frisar, porém, que a vida noturna LGBT em Viçosa é dinâmica e o cenário depende muito do ano e época em questão (Cf. BISSACO, 2012, p. 62-69).

Realizei visitas semanais ao *B-Side* no mês de novembro de 2017, apesar de eu já ter visitado o local em outros momentos. A boate funciona no térreo e terraço de um antigo casarão próximo ao centro de Viçosa, numa das principais avenidas da cidade. Na minha primeira visita, não foi possível entrar no B-Side pois ele estava lotado; em virtude disso, muitas pessoas se

⁷ Essas festas são organizadas por um produtor cultural de Minas Gerais e possuem temática LGBT. Ocorrem ao menos duas vezes por ano, desde 2012, sob o nome de “Noite Indelicada”, “Arraiá da Gina” e “Halloween da Gina”. A data das festas varia conforme atrações musicais e disponibilidade de locais na cidade—já que se tratam sempre de festas de grande porte.

aglomeravam na rua. Encontrei um grupo de colegas conhecidos do lado de fora e fiquei conversando com eles. A possibilidade de práticas homossexuais e a “pegação”, no geral, é assunto recorrente em rodas de conversa que ocorrem em festas, ainda que predominem pessoas que se declaram como heterossexuais. Segundo uma conversa que tive com uma das duas pessoas donas da boate, os “veados” vão no lugar às quintas, sextas, sábados e domingos. O local não abre na segunda. Percebi, porém, que a rotatividade de pessoas no estabelecimento é bem mais volátil e depende da existência ou não de eventos temáticos específicos, como festas a fantasia, festas com tema de nudismo, ou ainda dedicadas a estilos de música específicos.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A mudança da vida pré-universitária para a vida universitária parece envolver sempre um conflito de projetos entre a expectativa que a família possui do futuro da/do estudante e o projeto pessoal que essa pessoa tem para si, em articulação com o processo de reivindicação de uma identidade sexual ou de gênero, sejam elas quais forem. Ocorre também o conflito entre um projeto inicial que a pessoa tem para si e o que eventualmente surgirá ao longo de sua experiência na e através da universidade. Isso significa dizer, portanto, que no caso das pessoas que habitam entre o centro e a fronteira das identidades sexuais e de gênero, não está apenas em jogo uma incorporação da instituição do saber universitário ou de uma nova forma de vida: estão também em pauta constantes processos de negociação da realidade que visam, no limite, possibilitar uma coexistência de discursos e visões de mundo (VELHO, 1994, p. 21), ou ainda uma constante reconstrução dos sujeitos operada no seio mesmo dos conflitos causados pela discriminação e pelo preconceito a que são submetidos essas pessoas. A metáfora do armário não é, nesse sentido, uma metáfora.

O “armário” atua como um regime social de perpetuação da imagem das práticas sexuais não-reprodutivas ou não heteronormativas como condenáveis, como explorei no caso do relato de Augusto sobre as entrevistas nas moradias estudantis. As entrevistas não são só rituais de seleção, de fato, mas uma das peças de um mecanismo complexo de produção de corpos heterossexuais, em que o procedimento do exame salta aos olhos, de forma semelhante ao que Juliana passou na cena vivenciada por ela no casamento, guardadas as devidas proporções. No caso dessas pessoas, só é possível aprender o *savoir-faire* do “ofício de estudante”, nos termos de Alain Coulon (2008), quando se colocam na posição de aprender também estratégias de negociação da realidade que possibilitem um mínimo convívio pacífico entre seu “eu” e sua sexualidade/gênero, signifique isso

tirar essa parte de si de seu campo social ou reafirmá-la constantemente. Esse processo se dá de maneira fragmentária, intercalando negações e afirmações a depender dos locais e contextos, assim como a escolha pela visibilização ou ocultação de práticas sexuais ou sociais.

O aprendizado dessas estratégias de negociação e desse *savoir-faire*, nesse caso, e o processo de aprendizado de forma mais geral, conforme argumenta Preciado (2018a), na medida em que pode ser considerado como o análogo cultural da recombinação genética, “é nosso meio coletivo e individual de mudar dentro de períodos curtos de tempo e de nos adaptar a mudanças rápidas”.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AUGUSTO. Entrevista III. [set. 2017]. Entrevistador: Jinx Vilhas Mauricio da Silva. Viçosa, 2017. 2 arquivos .wav (39m12s).
- BARDUNI FILHO, Jairo et al. O Julgamento de Peter Lorre: masculinidades e diferença em uma Escola Superior de Agricultura. **Educação em Perspectiva**, Viçosa, v. 5, n. 1, p.72-91, jan./jun. 2014. Semestral. Disponível em: <http://www.seer.ufv.br/seer/educacaoemperspectiva/index.php/ppgeufv/article/view/324/13> Acesso em: 10 ago. 2018.
- BIBLIOTECAS, Red de. **Beatriz Preciado y Marianne Ponsford Hay Festival 2014**. 2014. (1h07m16s). Disponível em: <<https://youtu.be/4o13sesqsJo>>. Acesso em: 25 jul. 2018.
- BISSACO, Joelcio Zoboli. **Do contexto familiar ao universitário: o campo de possibilidades para a construção de territórios e identidades homossexuais**. 2012. 120 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Economia Doméstica, Departamento de Economia Doméstica, Universidade Federal de Viçosa, Viçosa, 2012. Disponível em: <<http://www.locus.ufv.br/bitstream/handle/123456789/3367/texto%20completo.pdf?sequence=1&isAllowed=y>>. Acesso em: 27 jul. 2018.
- BONAPARTE, JOSEFINA. Entrevista IV. [nov. 2017]. Entrevistador: Jinx Vilhas Mauricio da Silva. Viçosa, 2017. 1 arquivo .wav (58m16s).
- BUTLER, Judith. **Gender trouble: Feminism and the subversion of identity**. Routledge, 1990.
- COULON, Alain. **A CONDIÇÃO DE ESTUDANTE: a entrada na vida universitária**. Salvador: Edufba, 2008. 268 p.
- FOUCAULT, Michel. **Vigiar e Punir: história da violência nas prisões**. 20. ed. Petrópolis: Vozes, 1999.
- HARAWAY, Donna. Saberes localizados: a questão da ciência para o feminismo e o privilégio da perspectiva parcial. **Cadernos pagu**, n. 5, p. 7-41, 1995.
- JULIANA. Entrevista II. [out. 2017]. Entrevistador: Jinx Vilhas Mauricio da Silva. Viçosa, 2017. 1 arquivo .wav (15m10s).
- LEACH, Edmund. Cabelo mágico. In: MATTA, Roberto da (Org.). **Edmund Leach**. São Paulo: Ática, 1983. Cap. 4. p. 139-169.
- MELO, Débora. Ódio na universidade: Morte de aluno gay, negro e cotista na UFRJ é investigada como assassinato por homofobia. As conquistas das minorias estão incomodando? 2016. Disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/sociedade/a-universidade-como-palco-do-odio>. Acesso em: 01 jun. 2017.
- MISKOLCI, Richard. A Teoria Queer e a Sociologia: o desafio de uma analítica da normalização. **Sociologias**, v. 11, n. 21, 2009.

MIOTTO, Mariana. **O nome social na UFV**. 2015. Disponível em: <<http://ecos-periferia.blogspot.com/2015/03/o-nome-social-na-ufv.html>>. Acesso em: 11 jul. 2018.

MOHANTY, Chandra Talpade. Under Western eyes: Feminist scholarship and colonial discourses. **Feminist review**, n. 30, p. 61-88, 1988.

MOTT, Luiz; MICHELS, Eduardo; PAULINHO. **MORTES VIOLENTAS DE LGBT NO BRASIL: relatório 2017**. 2017. Disponível em: <<https://homofobiamata.files.wordpress.com/2017/12/relatorio-2081.pdf>>. Acesso em: 10 jul. 2018.

PEIRANO, Mariza. Etnografia não é método. **Horizontes antropológicos**, n. 42, p. 377-391, 2014.

PRECIADO, Paul B.. BAROQUE TECHNOPATRIARCHY: REPRODUCTION. **Artforum International**, New York, v. 56, n. 5, p.1-2, jan. 2018a. Mensal. Disponível em: <<https://www.artforum.com/print/201801/baroque-technopatriarchy-reproduction-73189>>. Acesso em: 10 ago. 2018.

PRECIADO, Paul B.. História da Tecnossexualidade. In: PRECIADO, Paul B.. **TESTO JUNKIE: Sexo, drogas e biopolítica na era farmacopornográfica**. São Paulo: n-1 Edições, 2018b. Cap. 4. p. 75-88.

PRECIADO, Beatriz. Multidões queer: notas para uma política dos “anormais”. **Rev. Estud. Fem.**, Florianópolis, v. 19, n. 1, p. 11-20, Apr. 2011. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-026X2011000100002&lng=en&nr m=iso>. Acesso em 29 Jul. 2018.

PROFESSOR. Entrevista I. [ago. 2017]. Entrevistador: Jinx Vilhas Mauricio da Silva. Viçosa, 2017. 1 arquivo .wav (52m59s).

RIBEIRO, Maria das Graças M. A Constituição das Ciências Humanas numa Universidade Rural. In: V Congresso Brasileiro de História da Educação. Sergipe: Universidade Federal de Sergipe, 2008. v. 1. p. 01-14

SEDGWICK, Eve Kosofsky. A epistemologia do armário. **Cad. Pagu**, Campinas, n. 28, p. 19-54, Jun. 2007. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-83332007000100003&lng=en&nr m=iso>. Acesso em 13 Ago. 2018. <http://dx.doi.org/10.1590/S0104-83332007000100003>.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE VIÇOSA. Resolução nº 14/2015/CONSU, de 10 de dezembro de 2015. Aprovar o Regimento das Unidades de Moradia Estudantil (UME) da Universidade Federal de Viçosa, Campus Viçosa. **Regimento das Unidades de Moradia Estudantil (ume) da Universidade Federal de Viçosa – Campus UFV – Viçosa**. Viçosa, MG.

URIARTE, Urpi Montoya. O que é fazer etnografia para os antropólogos. **Ponto Urbe**, São Paulo, n. 11, p.1-13, 1 dez. 2012.

VELHO, Gilberto. **Projeto e Metamorfose: Antropologia das Sociedades Complexas**. Rio de Janeiro, RJ: Jorge Zahar Editor, 1994. 137 p.